

Uma cartada que vai decidir tudo

48

Carlos Sáfadi

Na reunião ministerial de amanhã, convocada para apreciar o programa de cortes no orçamento do próximo ano, o Governo joga duas cartadas cruciais: de um lado, a viabilidade da política econômica como instrumento eficaz contra o déficit público, por consequência, contra a inflação, e, de outro, o próprio futuro político com vista à sucessão presidencial. O presidente Sarney tem plena consciência disso e as decisões que vier a tomar traçarão os rumos de sua administração, daqui para a frente. Mais que isso, responderão pelo seu desempenho global, com todas as consequências decorrentes.

Optando por um governo de conteúdo eminentemente político, que tem atropelado a realidade econômica, Sarney parece estar refluxando para a constatação de que as duas áreas não podem ser dissociadas. Com isso, se confirmada realmente esta evolução, a reunião de amanhã promete inserir um componente inédito nas relações e no comportamento do presidente da República, desde que assumiu o cargo há três anos e cinco meses. Pela primeira vez será dada prioridade às questões econômicas, único caminho para superar uma crise que é também política.

Dilema

Caminhando sobre o fio de uma navalha, como costuma dizer o ministro Mairson da Nóbrega, o Governo chega a um dilema shakespeareano, a três meses das eleições municipais: ou corta visceralmente suas despesas ou será o caos. Sensi-

vel ao jogo da política, que exige favores e inibe receitas econômicas dolorosas, o presidente Sarney está, até agora, submetido às pressões de parte dos auxiliares, incapazes de absorverem formulação de médio ou longo prazos, na medida em que a caça aos votos é alimentada pelo imediatismo e pela ilusão.

Não há nada mais realista do que o reconhecimento de que o Governo está quebrado e caminha para o abismo do descontrole geral. Há indícios confiáveis de que o presidente Sarney despertou, finalmente, para os riscos de uma atuação maleável e contemporizadora, o que significa, na prática, até mesmo trocar o "tudo pelo social" pelo "tudo pela economia". Ficou claro, para o Palácio do Planalto, que seu objetivo político situa-se em novembro de 1989, e não agora, e que só pode sonhar com um sucesso nas urnas se a economia apresentar sólidos resultados positivos nos quinze meses que lhe restam.

Pode esperar, por exemplo, reações vigorosas de ministros políticos que sofram cortes significativos em seus orçamentos. É o caso, por exemplo, do ministro Prisco Viana, o mais afetado pela Operação Desmonte. Ou do ministro José Reinaldo Tavares, cuja pasta perderá o controle dos recursos destinados à construção e conservação das rodovias federais, encargos que seriam repassados aos governos estaduais. Ou, até mesmo, de ministros que estão envolvidos em disputas eleitorais, nos seus Estados, impelidos a enfrentar um cadeado muito mais resistente no cofre dos recursos a fundo perdido.

Sem alternativa

Para a área econômica, contudo, a Operação Desmonte não tem alternativa. O que significa que seu conteúdo não deve ser mutilado por desvios ou exceções que a tornem inócuas. Até que ponto o presidente Sarney vai resistir, não se sabe, mas ele tem hoje, sem dúvida, melhores condições e muito maior convicção pessoal para fazê-lo.

Esta reunião ministerial será diferente. Não pode haver protelação diante de temas urgentes para que se chegue às metas pretendidas. São metas ambiciosas e mesmo inovadoras que contrariam a tradição do liberalismo por conveniência e do fraterno convívio entre o inaceitável e o admissível. São marcas deste Governo, onde 'é dando que se recebe'. Talvez seja o momento de dar sem nada receber. É nisso que confiam os brasileiros, exauridos pela descrença e pela dúvida.

Os cortes serão drásticos e incluem desativação de empresas públicas e estatais, num amplo contexto de privatização, agora para valer. O choro e as reações virão na mesma grande proporção. Mas é nesta quinta-feira que a Nação conhecerá melhor seus dirigentes e o que pretendem fazer deste País.

Para os ministros Mairson da Nóbrega e João Batista de Abreu será, também, a encruzilhada que os leverá, e a todos nós, a um novo Brasil ou os atirará, com todos nós, a uma aventura pelos subterrâneos do imprevisível.

O presidente José Sarney tem o futuro nas suas mãos.